

**EDUCAÇÃO E TRABALHO: AS DIFICULDADES DO ALUNO-
TRABALHADOR NO ENSINO NOTURNO DA ESCOLA MUNICIPAL DE
ENSINO FUNDAMENTAL VEREADOR GENÉSIO SANTANA**

Elayne Cristina Menezes Silva

RESUMO

No ensino noturno pode-se observar que a maioria dos jovens e adultos são trabalhadores. A relação estabelecida entre trabalho e escola é marcada por diversas contradições, onde o trabalho representa à necessidade de sobrevivência presente, e a educação a possibilidade de um melhor futuro.

O ensino é um direito de todos, mas o que se observa é uma grande quantidade de alunos trabalhadores que, por razões diversas, sofrem dificuldades para completarem o ensino fundamental.

Este artigo objetiva apresentar as dificuldades de permanência na escola dos alunos-trabalhadores do ensino noturno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Genésio Santana, localizada no povoado Nova Descoberta, no município de Itaporanga d' Ajuda, Sergipe.

Palavras chaves: Aluno, Trabalho, Ensino noturno.

1 INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado tem como objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelo aluno trabalhador no ensino noturno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Genésio Santana, localizado no município de Itaporanga d'Ajuda.

O direcionamento desta pesquisa baseia-se na constatação de que o aluno-trabalhador, da referida escola, tem apresentado altos índices de abandono escolar seguidos de retornos aos estudos, num vai-e-vem anacronicamente cíclico que o impede de concluir o ensino fundamental.

Nos últimos anos, o número de alunos do ensino noturno tem se ampliado significativamente, e o perfil dos estudantes tem apresentado mudanças. Antes, onde se encontravam apenas adultos que não tiveram acesso a escola na idade própria, agora já é prioritariamente composto por jovens com insucesso escolar nos outros turnos de ensino ou que cada vez mais cedo abandonam os estudos para trabalhar.

Com relação ao ensino noturno é comum a concepção de que a maioria dos jovens e adultos que o buscam são oriundos de um dia exaustivo de trabalho, e que a estes alunos deve ser empregado uma prática pedagógica adequada as suas necessidades específicas. Os resultados de evasão, repetência ou desinteresse constante na escolarização noturna, no geral, refletem a falta de estímulos e de fundamentação teórica mais voltada para a realidade dos alunos, que na maioria são trabalhadores.

O papel da escola que tem o dever de incluir muitas vezes não é bem desempenhado, nem discutido. Questionar a ineficiência das escolas noturnas não é tarefa deste trabalho, mas analisar os desafios que enfrentam os alunos trabalhadores no ensino noturno, por reconhecer que é uma das possíveis causas da desistência escolar neste turno de ensino.

As transformações provocadas pela competitividade do capitalismo globalizado e suas conseqüências para a produção exigem muito do trabalhador, inclusive uma maior qualificação, não está inserido na dinamicidade deste novo aspecto da economia pode acarretar uma total exclusão do mercado de trabalho.

O aluno desta realidade precisa de potencial crítico, de uma grande percepção das múltiplas possibilidades de expressão do mundo, de capacitação para ser um leitor efetivo dos mais diversos representativos de nossa política e cultura. E, no geral, é o

reconhecimento da sua necessidade de melhor se qualificar para este mundo que o estimula a ir à escola.

De acordo com a LDB no seu artigo 4º, “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: ... VI- oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”, no entanto pouco se sabe como se dá a articulação entre esse nível de ensino e a realidade enfrentada pelos alunos trabalhadores no mundo do trabalho.

O aspecto aqui ressaltado é que, apesar de todas as dificuldades, fruto das coerções sócio-econômicas, os jovens e adultos da referida escola prosseguem conciliando escola e trabalho. Isso significa que o trabalho, em suas vidas, ainda não se configurou como algo que os impossibilitou de permanecer na escola. E mais que eles acreditam que a escola pode e deve contribuir para o seu desenvolvimento crítico – social.

2 TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO

Ao longo da história da atividade humana, sua incessante luta sempre foi pela sobrevivência, ação contínua do homem com a natureza para se obter algo que desejasse. Para existir o homem necessita apropriar-se da natureza, e essa apropriação inicialmente foi uma ação livre necessária para sua existência social.

Segundo Marx, as propriedades sócio-históricas surgem no trabalho, o homem eleva-se e evolui da condição de macaco a homo sapiens, fazendo salto ontológico, rompendo as barreiras naturais (esfera biológica), se humanizando, tornando-se gênero humano e humanizando as outras espécies que estão ao seu redor, fazendo a mediação com a natureza.

Para Marx, quando o trabalho deixa de ser a sua construção material a realização de um desejo, transforma-se em mercadoria no capitalismo.

É no domínio do capital, que o trabalho assume determinadas condições históricas de produção, submete-se ao ensejo da produtividade e se sujeita a violência das coisas e ainda, resulta em forma alienada de produção capitalista, correspondente a forma estranhada do trabalho humano.

No século XX, com a revolução tecnológica e o acirramento da concorrência internacional, o mundo do trabalho sofre profundas transformações, que vem a

repercutir profundamente nas condições de vida da classe trabalhadora. A crise experimentada pelo capital, bem como pelas suas respostas, impõem o neoliberalismo como forma política de regulação social mais adequada à sociedade capitalista.

A propósito da estruturação do mercado de trabalho no Brasil, Thomaz (2002) afirma que:

É a partir dos anos 1980 que no Brasil se manifestaram os primeiros impulsos de reestruturação produtiva, mas é a partir do início da década seguinte que atingiu nova amplitude e profundidade, momento em que as inovações técnicas e organizacionais assumem um caráter mais sistêmico em todo o circuito produtivo dos diversos setores econômicos.

A classe trabalhadora, denominada por Antunes (2002), como “classe-que-vive-do-trabalho”, fragmenta-se, heterogeneiza-se e complexifica-se ainda mais. Tornou-se mais qualificada em vários setores, como na siderurgia, na qual houve uma relativa intelectualização do trabalho, mas desqualificou-se e precarificou-se em diversos ramos, como na indústria automobilística, na qual o ferramenteiro não tem mais a mesma importância, sem falar na tradução dos inspetores de qualidade, dos gráficos, dos mineiros, dos portuários, dos trabalhadores da construção naval, etc. Criou-se de um lado, uma escala minoritária, o trabalhador “polivalente e multifuncional”, capaz de operar com máquinas com controle numérico e, de outro, uma massa precarizada sem qualificação, que hoje está presenciando o desemprego estrutural. Estas mutações criaram, portanto, uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada, entre qualificados e desqualificados, mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários, imigrantes, etc. (ANTUNES, 2002).

Essas características se manifestam em todos os segmentos da sociedade, e se circunscreve também na educação. Onde ensino é pautado por critérios da divisão sociotécnica do trabalho, manietado pelos interesses do capital cujo único fim é a reprodução da sociabilidade que mantém a hegemonia do capital.

3. TRABALHO E ESCOLA: O ENSINO NOTURNO

A realidade dos cursos noturnos é diametralmente oposta à realidade em que ela foi idealizada. A propósito do que é vivenciado em escolas públicas, o que existe no

curso noturno é a ausência de medidas concretas que viabilizem um ensino de qualidade.

Na contramão dos dados de ineficiência, o número de alunos atendidos nessa modalidade de ensino cresce a cada ano, contribuindo para a meta de ampliação no atendimento da educação básica no Brasil.

No Brasil, as primeiras referências ao ensino noturno datam dos tempos do Império. Sendo que sua existência estava associada ao adulto analfabeto e que o ensino deveria ser correlato com o mercado de trabalho. Nesse período inicial, a maior parte das escolas era criada nas proximidades da fábrica, assumindo seu caráter de ensino para trabalhadores.

RODRIGUES (1995) diz que a generalização dos cursos noturnos representou ao mesmo tempo a democratização do acesso à escola, e o fortalecimento de mais uma divisão da própria escola.

A democratização é atestada não apenas pelo aumento do número de matrículas ou pela expansão da rede pública, mas também pela possibilidade de, ao menos a partir da década de 90, ter havido uma alteração qualitativa no perfil sócio-econômico da clientela dos cursos de ensino médio. Os filhos de trabalhadores, muitos deles já trabalhadores também, fizeram-se cada vez mais presentes nas escolas de ensino médio, principalmente em anos mais recentes. E o ensino noturno, apesar das dificuldades e problemas, contribuiu decisivamente para isso.

No decorrer das décadas, sucessivas reformas político-econômicas e sociais atingiram a política educacional brasileira com forte tendência a democratização do sistema escolar. E o ensino noturno imprime-se como expansão do ensino fundamental, garantindo as metas de inserção.

Mas não há, obrigatoriamente, um sincronismo entre o desenvolvimento do ensino diurno e o noturno na estrutura educacional brasileira. Este, de forma geral, tenta seguir o dinamismo da escola diurna, desconsiderando as suas especificidades de tempo e das condições sociais do aluno-trabalhador. Mas, torna-se sua antítese, sobretudo quando é percebido que suas ações só agem de forma superficial nas necessidades dos alunos da noite.

Nas últimas décadas do século XX, a história econômica brasileira perde-se em crises de produtividade agrícola, industrial, e na incapacidade de competitividade

tecnológica. Além disso, as desastrosas políticas econômicas brasileiras geraram consequências esmagadoras sobre a massa trabalhadora, num cenário de exclusão e desemprego.

Mais do que nunca, a escolaridade é requisito indispensável para a inserção no mercado de trabalho. Por conta disso, grande quantidade de jovens e adultos ingressam no ensino noturno para garantir acesso, permanência e melhorias nas perspectivas de emprego.

Assim, as reformas educacionais, estimuladas por diversos organismos internacionais, passam a ter grande importância na esfera nacional, conferindo à educação um papel decisivo no processo de adaptação as novas necessidades do capital. Nessa perspectiva, o aluno-trabalhador é impelido a uma formação polivalente, onde as palavras de ordem são: empregabilidade, espírito de iniciativa, alta qualificação técnica e dinamismo.

No ensino noturno, na tentativa de incluir socialmente os indivíduos, é evidente a relação entre trabalho e educação. Mas, os problemas encontrados por seus alunos-trabalhadores para atingir o seu pleno desenvolvimento demonstra que este caminho ainda se apresenta como uma realidade distante.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

A presente pesquisa centraliza-se na análise das dificuldades dos jovens e adultos alunos-trabalhadores do ensino fundamental noturno, na experiência de vida constituída por ele entre o universo escolar e a sua realidade de trabalho.

A metodologia qualitativa mostrou-se apropriada nesta pesquisa, por possibilitar uma referência da realidade vivenciada, entendo quem são os alunos-trabalhadores da pesquisa e quais as suas expectativas com relação aos estudos podemos entender as dificuldades por eles enfrentadas, enfocando o seu cotidiano, enquanto aluno e trabalhador.

Para a execução do trabalho foi seguido um roteiro metodológico que inicialmente preocupou-se com os levantamentos bibliográficos da temática, coleta de dados em campo, como também a análise dos indicadores socioeconômicos, refletidos no desenvolvimento escolar.

Os aspectos socioeconômicos foram analisados através da dinâmica populacional. Nestas análises foram utilizados dados compilados do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2005.

O trabalho de campo iniciou-se de forma tranqüila, dado ao fato de fazer parte do quadro docente da escola há dois anos. A realidade estudada neste trabalho compreende as nuances da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Genésio Santana do povoado Nova Descoberta, no município sergipano de Itaporanga d' Ajuda, neste município a escola convive com as contradições entre o rural e o urbano que se mistura e suas diferentes percepções culturais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Genésio Santana oferece à comunidade do povoado Nova descoberta e áreas circunvizinhas a oferta de ensino fundamental nos três turnos.

O processo de coleta de dados teve como ponto de partida a apresentação aos alunos da proposta da pesquisa e sendo levantados questionamentos gerais para melhor esclarecer o trabalho, em seguida foi aplicado questionário nas quatro turmas constituintes do ensino fundamental noturno (6º ao 9º ano), que no final pode contar com um total 45 de alunos participantes.

Através desse questionário, que foi respondido pelos alunos, foi possível identificar a idade, o sexo, a experiência profissional, se o aluno estava empregado naquele momento ou não, o tipo de atividade exercida por ele e perceber as condições materiais que o fizeram aluno-trabalhador.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A maior parte da comunidade atendida nesta escola enfrenta as dificuldades socioeconômicas atuais que emperram a vida de quem sobrevive da agricultura e pesca como também de atividade informais no Brasil.

O desemprego de trabalhadores, em decorrência do processo de reestruturação do capital, acrescenta uma nova dimensão aos problemas sociais que marcam há muito o Brasil. Por conta disso, muitos jovens são levados, dada as condições socioeconômicas familiares, a conciliar escola e trabalho.

Mesmo sendo obrigados a trabalhar, os jovens e adultos desta pesquisa continuam estudando. E os alunos-trabalhadores começam a enfrentar inúmeras dificuldades para manter o seu desenvolvimento escolar.

No geral, entre os 13 e 14 anos, a situação dos jovens brasileiros começa a mudar rapidamente. Segundo a PNAD (2005), aos 15 anos, 90% dos jovens brasileiros

ainda estudam, mas 24% dos mesmos já trabalham, ou buscam emprego. E a medida que a idade avança a tendência é o aumento das porcentagem dos alunos-tabalhadores.

Observa-se na escola estudada, que a matrícula no ensino noturno é permitida apartir dos 14 anos. A maior parte dos alunos, quando atingem esta idade são estimulados a migrar para o período noturno no intuito de acelerar a formação básica, para não perder oportunidade de emprego, para acelerar os estudo ou não ter de optar entre educação e trabalho.

Com relação a faixa etária atendida, percebe-se que 82% são jovens que possuem entre 14 e 18 anos, como podemos observar na figura 1. Em sua maioria, os alunos pesquisados alegam que o fator inicial da necessidade de estudar a noite foi o fato de não conseguir acompanhar os estudos, nas séries regulares.

Nos questionários todos os alunos declararam ter perdido um ano letivo e muitos sequer lembram a quantidade de vezes, curiosamente a maioria repetiu a 5ª série atual 6º ano do ensino fundamental. Revelando assim, que a prática de reprovação muito comum no Brasil afeta, sobretudo, as crianças de famílias mais pobres e as estimulam a trabalhar.

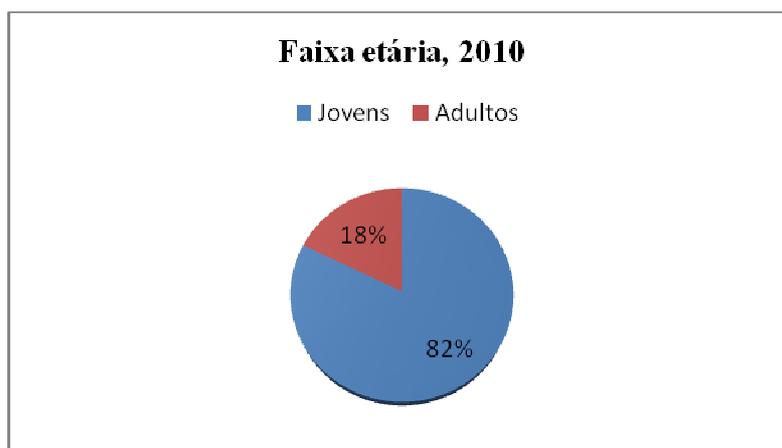


Figura 1-Faixa etária dos alunos, 2010.

Os outros alunos do período noturno são adultos com faixa etária entre 20 e 50 anos, e por vezes esta grande diferença de idade gera desconforto e conflitos nas aulas.

E neste caso, as tensões são constantes, pois os alunos mais velhos não admitem o comportamento desleixado e por vezes agressivo dos jovens.

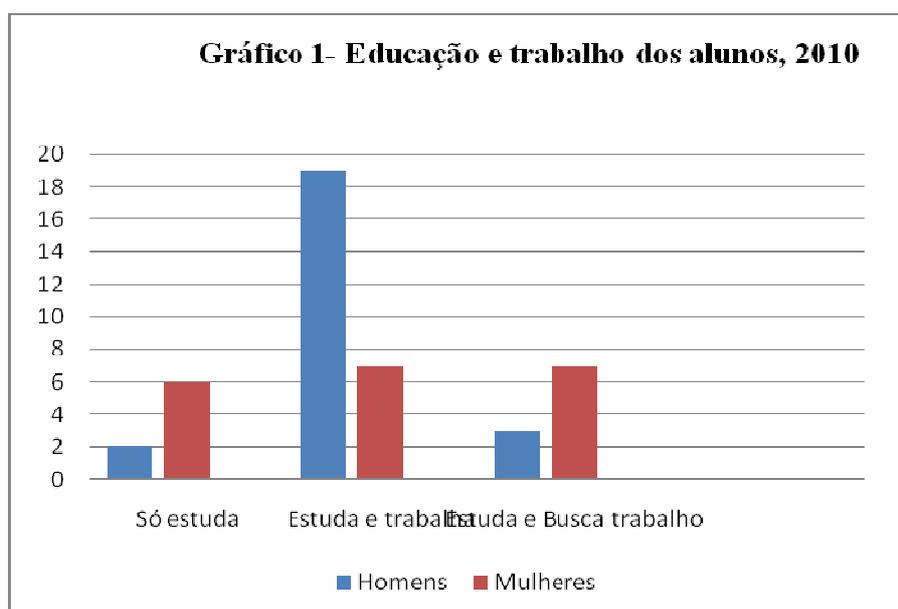
Neste ponto encontramos uma das maiores dificuldades no ensino noturno, que é a questão de como lidar com o processo ensino-aprendizagem. Os professores têm que se desdobrar e criar estratégias para permitir o acompanhamento do jovem e do adulto, que apresentam tempo diferenciado na construção da aprendizagem de alguns temas.

Mas, com relação ao processo de ensino-aprendizagem a maior dificuldade apontada pelos alunos-trabalhadores é a falta de relação do conteúdo estudado com a sua realidade, ou até mesmo com o trabalho desempenhado. Segundo RUMMERT (2007):

O acesso à escola é geralmente desejado por que freqüentá-lo e, sobretudo, obter uma certificação de escolaridade, significa, supostamente, o acesso a bens materiais e simbólicos que a população ou nenhuma escolarização é levada a acreditar não possuir deficiências próprias ou individuais. Contudo, o que a escola oferece quase nunca é efetivamente valorizado por que se distancia do viver, dos inúmeros saberes adquiridos ao longo de existências marcadas por enormes esforços de sobrevivência, numa sociedade que não assume como tarefa fundamental a plena democratização do conhecimento, mas que, ao contrário, utiliza-o como instrumento de poder, como arma da discriminação.

Dos 45 alunos-trabalhadores pesquisados, apenas oito não trabalham e neste caso abrange os adultos aposentados e as mulheres que se ocupam com as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos em casa, conforme mostra o gráfico 1.

Neste sentido, é importante salientar que a maioria dos alunos do curso noturno, são jovens do sexo masculino, que estudam e trabalham. As principais atividades apontadas no questionário foi a de ajudante na construção civil, vendedor na feira do município, cortador de cana-de-açúcar e ajudante no cultivo do eucalipto. Estas últimas atividades ligadas à agricultura da região são as responsáveis pela inconstância dos alunos em alguns períodos do ano.



Para os alunos que trabalham, o horário do início das aulas é também um fator que gera grandes dificuldades. O início das aulas ocorre antes das 19 horas, e mesmo havendo uma solidariedade da escola permitindo a entrada dos alunos depois do início das aulas, os alunos compreendem que é ruim sempre perdem parte ou todo o primeiro horário.

É importante salientar que a realidade socioeconômica desses alunos apontamos como desfavorecidos sociais. Esses trabalhadores-alunos vivem a personificação da exclusão social, da relação de classe, do subemprego, da exploração desmedida do trabalho pelo capital. Na dinâmica flexível da sociedade capitalista, controlar o trabalho e o rendimento é essencial para assegurar o incremento do processo de produção, bem como a perpetuação da lógica social de exploração e desigualdade.

Dessa forma, a figura 2 a seguir demonstra que 42% dos 45 respondentes dos questionários, sobrevivem com um salário mínimo mensal e 28% com menos de um salário mínimo.

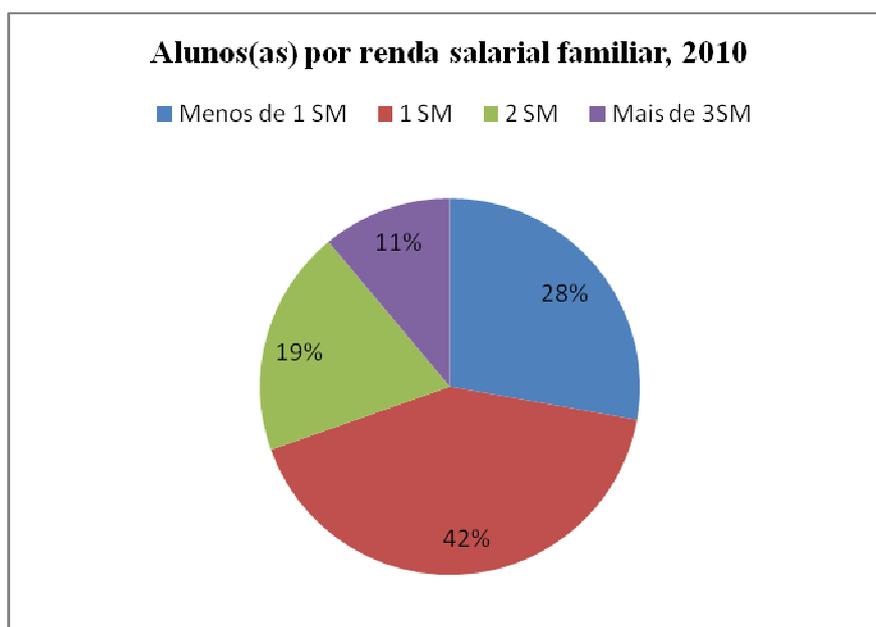
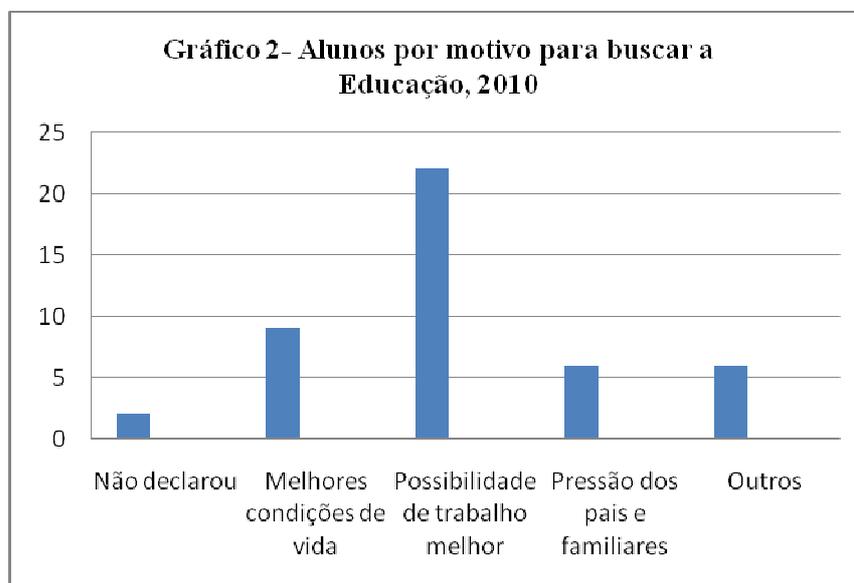


Figura 2- Alunos (as) por renda salarial familiar, 2010.

A figura 2 ilustra bem que estes jovens e adultos investigados têm a necessidade permanente de trabalhar. Com o pouco que ganham, eles participam de modo concreto da renda familiar. Desempenhando as mais diversas funções, esses jovens e adultos transitam em diversos tipos de atividades, sendo utilizados e reutilizados em empregos de curto período sem vínculo empregatício e com baixos salários.

Assim, a educação formal é apontada com algo imprescindível em suas vidas. Um trabalho melhor ou melhores condições de vida está associada a uma maior qualificação. E nesse sentido as expectativas dos jovens em relação ao que o futuro pode lhe oferecer é um estímulo para o ingresso na escola.



Conforme se observa no gráfico 2, 48% dos entrevistados afirmam que a possibilidade de trabalho melhor é o principal motivo para buscar a educação.

Durante as entrevistas, ficou claro que as “barreiras” que os jovens e adultos enumeram como determinantes para o seu insucesso escolar tais como, a falta de tempo para estudar, a impossibilidade de parar de trabalhar, a falta de dinheiro e o desinteresse pelas aulas, são superadas pela esperança de um emprego melhor e melhores condições de vida associadas à escola.

Contudo, o ensino noturno está longe de garantir a estes alunos-trabalhadores uma educação pública, gratuita e de qualidade. Enquanto isto, o ensino noturno serve para mistificar a problemática brasileira de exclusão educacional.

Repensar o ensino noturno como uma modalidade de ensino que precisa de tratamento diferenciado e políticas públicas próprias é o primeiro passo no Brasil para que este programa de educação possa minimizar as dificuldades dos alunos-trabalhadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho que teve como objetivo identificar as dificuldades enfrentadas pelo aluno-trabalhador da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Genésio Santana, aponta um exemplo da realidade dos cursos noturnos no Brasil.

Ao longo dos anos, avanços tecnológicos e as modificações econômicas resultantes têm provocado um extenso conjunto de alterações no mundo do trabalho. A dimensão do trabalho está cheia de contradições, novas palavras de ordem como a flexibilização, precarização e o desemprego crônico tem gerado incertezas e obrigado o trabalhador a qualificar-se para garantir uma nova inserção socioeconômica.

Os jovens brasileiros de baixa renda vivem em uma situação dramática, comprimidos entre um sistema de educação pública desorganizada e que não atende os seus anseios, e à necessidade crescente de ganhar dinheiro em um mercado de trabalho precário e de difícil entrada.

As políticas públicas indispensáveis para tentar resolver esta situação devem lidar com o problema da qualidade da escola como um todo articulado, onde as necessidades de renda, e o insucesso escolar estão sempre associados. É completar isto tomando sempre em consideração as importantes diferenças que existem entre os alunos do período.

A combinação adequada entre melhoria da educação básica e o apoio financeiro aos jovens e adultos que realmente o necessitam e tenham condições de permanecer na escola é o único caminho possível.

7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? : Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Por uma educação no campo**. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. **Da escola carente à escola possível**. 3º Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9.394/96. Brasília-DF: Presidência da República, 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 15/09/2009.

DIAS, Deise de Souza. **Jovem aluno trabalhador do ensino médio: A articulação entre trabalho e educação**. Disponível em:
< <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2058/1/tese.pdf> >. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educacional**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FUNDAÇÃO IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Rio de Janeiro, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 17. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 29 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

_____. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SILVA, Vanda. **Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12005.pdf> >. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

RODRIGUES, L. G., PASSOS, S. R. M. M. S. dos; PASSOS, A. M.: "**Novos rumos para o ensino médio noturno-como e porque fazer?**" in Ensaio: avaliação políticas públicas. Rio de Janeiro, v.13, n, pp.345-360, jul./set. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27554.pdf> >. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

RODRIGUES, E. M.: "**Ensino noturno de 2.º grau: o fracasso da escola ou a escola do fracasso**" in Educação e Realidade, v. 20, n.º 1, jan/jun.1995.

RUMMET, Sonia Maria. **Jovens e adultos trabalhadores e a escola**. In: FRIGOTTO Gaudêncio; CIAVATA, Maria (orgs.). A Experiência do trabalho e a educação básica. São Paulo: DP&A, 2007. P.117-129.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por uma Geografia do trabalho**. *Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona Vol. VI, nº 119(5), 2002. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-5.htm> >. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

ANEXO

Questionário

Qual o seu sexo?

- (A) Feminino
- (B) Masculino

Qual a sua idade?

O que lhe motiva a ir à escola?

- (A) Busca de melhores condições de vida
- (B) Possibilidade de trabalho melhor
- (C) Pressão dos pais e familiares
- (D) Não quer declarar
- (E) Outros _____

Por que você estuda a noite?

Qual a renda média de sua família?

- (A) Menos de 1 salário mínimo
- (B) Até um salário mínimo
- (C) De 1 a 2 salários mínimos
- (D) Mais de 3 salários mínimos

Você contribui para a renda familiar?

- (A) Sim
- (B) Não

Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

- (A) Trabalho, estou com carteira assinada
- (B) Trabalho, sem carteira assinada.
- (C) Trabalho, por conta própria
- (D) Já trabalhei, mas não estou no momento.
- (E) Nunca trabalhei, mas estou procurando emprego.

Se trabalha ou já teve alguma atividade remunerada durante seus estudos, quais as dificuldades em se conciliar trabalho e estudo?

Em que você trabalha atualmente?
